

**A HISTÓRIA ORAL E A POSSIBILIDADE DE SE CONSTRUIR “HISTÓRIAS” DA
EDUCAÇÃO ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DOCENTES SOBRE SUAS
REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E NÃO-VIOLÊNCIA¹**

Cláudia Regina Costa Pacheco²

Nadia Beatriz Casani Belinazo³

Jorge Luiz da Cunha⁴

A possibilidade de se construir “histórias” da educação através das narrativas docentes constituiu-se numa das justificativas para esta investigação. O uso da História Oral como metodologia possibilitou o desenvolvimento da pesquisa que buscou compreender as representações de professores sobre violência e não-violência.

Tema este que, em diversas épocas, causou, e ainda causa, muita efervescência nos debates teóricos. Aliado a uma revisão bibliográfica realizou-se entrevistas com professores que trabalham com alunos do ensino fundamental na cidade de Santa Maria-RS. Observou-se que é através dos relatos destes que se pode restabelecer as suas vozes, pois pelo que se pode notar a história da educação, na maioria das vezes, é feita mais de teorias do que sobre a reflexão sobre as ações dos educadores.

Os professores aparecem como meros apêndices na história, sem muita preocupação com o que eles estão pensando (ARROYO, 2000)^a. Acredita-se que a reconstrução da historicidade educacional se faz revisitando o passado de modo crítico,

¹ Trabalho desenvolvido no Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória - CLIO/CE/UFMS.

² Mestranda em Educação - CE/PPGE/UFMS. e-mail: clau813@bol.com.br

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia - Bolsista FAPERGS/CE/UFMS.

⁴ Orientador - Prof. Dr. do Departamento FUE e Diretor do Centro de Educação - CE/UFMS.

refletindo sobre as ações docentes contextualizadas no presente, para que se abra um futuro de possibilidades.

Muitos foram os fios que se tramaram na construção deste trabalho, porém as Representações Sociais por constituírem-se em formas de conhecimentos socialmente elaboradas e compartilhadas com o intuito de formar uma realidade comum - no caso a comunidade escolar -, apresentaram-se como adágios que vão guiando toda a pesquisa. Assim como a metodologia da História Oral, sobretudo na modalidade História Oral Temática, configurou-se num buscar pela voz docente, que muitas vezes, é silenciada diante dos muitos modismos educacionais.

A melhor maneira de falar sobre a educação é a partir do diálogo com os seus sujeitos, sobretudo com aqueles que fizeram uma opção pelo educar (ARROYO, 2000). Seguindo uma perspectiva humanista de educação, observa-se que esta se constitui numa eterna relação entre pessoas, entre gerações. Logo, julga-se necessário o trabalho a partir de suas falas e de seus anseios, objetivando uma melhor compreensão de um fator que vem permeando os mais distintos lugares, sendo, muitas vezes, banalizado pela falta de reflexão sobre os seus significados e suas diversas faces.

Discutir os significados da violência e do autoritarismo, assim como as diferentes maneiras que eles se apresentam, constitui-se no próprio (re) pensar sobre a prática docente, uma vez que esta direta, ou indiretamente, estará sofrendo influências destes elementos. Aliado a isso, está um discutir sobre o relacionamento humano, frente a insegurança e a fragilidade dos vínculos humanos identificados num mundo moderno cada vez mais líquido. Bauman (2004)^b evidencia os riscos e as ansiedades de se viver junto, diante do conflito entre o apertar e o deixar frouxos os laços humanos, que apresentam-se cada vez mais descartáveis.

Essa modernidade líquida, marcada por uma certa dificuldade de amar o próximo também repercute na relação professor-aluno. O professor, na atual realidade, possui cada vez mais alunos, sendo esses, muitas vezes, apenas números. O educador frente a uma

enorme quantidade de alunos não consegue conhecer cada um deles, fato este que pode dificultar a relação estabelecida entre educador e educando.

A quantidade, em muitos casos, pode comprometer a qualidade desses relacionamentos, devido a uma falta de diálogo, considerada de fundamental importância para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Diante dessa liquidez dos relacionamentos, os professores tornam-se objetos a serem usados e descartados a cada final de ano ou de semestre. Muitos dos laços que eram construídos, atualmente já não existem mais. Devido a falta de perguntar e de escutar. Muitas vezes, a falta de tempo configura-se no principal fator ou no principal (pre)texto.

Não havendo o perguntar e o escutar, muitas vezes, o professor ao analisar o seu trabalho pedagógico, tira suas próprias conclusões. E nesse ponto, faz-se necessário, um refletir, pois a qualidade de seu trabalho docente deve ser enriquecida por vários segmentos, não apenas o seu, uma vez que ele tem funções coletivas e não deve ser observado apenas pelo seu olhar, mesmo que este seja um dos principais. A preocupação maior está na possível redução que possa vir a ocorrer, pela qual o professor a partir de suas conclusões trabalhe sem levar em conta o ponto de vista de seu aluno, incidindo num certo narcisismo, envaidecendo-se facilmente de seu trabalho.

A inquietação se faz diante desse certo narcisismo profissional que imerso nos muitos modismos educacionais pode levar os professores a conceberem erroneamente teorias, através de leituras apressadas, pensando em revolucionar o campo educacional sem ter em mente a realidade na qual estão trabalhando, o que de certo modo pode negligenciar o educando.

Conta o Mito, que Narciso, filho da ninfa Liríope e do rio Cefiso, na Fócida, foi um

jovem de uma beleza resplandecente, era insensível aos sentimentos de amor de que era objeto. A ninfa Eco, que

sentia por ele uma grande paixão, foi afastada com desprezo e morreu de dor. As irmãs indignaram-se e queixaram-se a Némesis, do egoísmo e da indiferença de Narciso. A deusa decidiu então vingar as apaixonadas repelidas. O adivinho Tirésias tinha afirmado que Narciso viveria enquanto não visse a própria imagem. Némesis, durante uma caçada, atraiu o jovem e fê-lo ir matar a sede a uma fonte. Apaixonado pelo rosto que o espelho das águas lhe devolvia, mas que ele não podia atingir, incapaz de se afastar dele, Narciso, esqueceu-se de beber e de comer, ganhou raiz à beira daquela fonte e transformou-se, pouco a pouco, na flor que tem o seu nome. Desde então, essa flor reflete-se na água durante a bela estação e murcha no Outono. (SCHMIDT, 1985)^c

Ao contemplar o Mito de Narciso, relaciona-se a ele a necessidade de se estar discutindo o trabalho docente de modo que este esteja sempre em constante aperfeiçoamento não se reduzindo apenas a uma forma de ensinar, mas que seja *adaptável** ao contexto no qual se desenvolve. Não ficando na mera reflexão nas águas, mas na reflexão crítica e consciente.

Representar significa *ser a imagem de; parecer, aparentar, figurar, reproduzir a imagem de; pintar, retratar; significar, simbolizar^d*. Assim como a imagem refletida de Narciso nas águas, a representação é uma imagem construída. No caso das representações sociais, fala-se de uma imagem construída, veiculada de modo coletivo, remete a idéia de um modelo social.

O *Estar no Mundo* é coexistir com outros, com as diferenças sociais, raciais, religiosas, ideológicas, entre outras. Significa (con)viver, ao mesmo tempo, com a semelhança e com a diferença (TEVES, 1999)^e. E, nesse ponto, Bauman (2004), esclarece a relação de amar o próximo como amamos a nós mesmos, que significaria o respeitar a singularidade de cada um, pois seria o valor das diferenças, que enriqueceriam o mundo no qual se vive.

Se os homens/mulheres são semelhantes naquilo em que se identificam com a espécie humana, com os valores, com as crenças, em contrapartida, também se ressalta que esses mesmos homens/mulheres são, ao mesmo tempo, singulares, devido a suas

peculiaridades. Respeitar a diferença relaciona-se a não negação da dignidade humana, que se constitui no mais precioso dos valores humanos, pois está acima até mesmo da sobrevivência.

Teves (1999) ainda complementa essa idéia afirmando que é na relação dialética com a sociedade que os homens constroem e (des) constroem os sentidos que vivem. Nessa perspectiva, os imaginários sociais configuram-se em forças reguladoras da vida coletiva, na medida em que organizam e distribuem o tempo, assim como explicam os fatos sociais.

Diante disso, os imaginários traduzem as criações do grupo social de maneira tal que estas últimas pareçam inerentes à espécie humana, e não esquemas construídos nas relações sociais. Nesse sentido, os imaginários sociais, enquanto mecanismos de produção, reprodução e atualização, contribuem para a sobrevivência das sociedades.

Enquanto uma lógica social, os imaginários sociais dão unidade e sentido a um mundo caótico por meio de representações. Estas últimas, por sua vez, integram os sentidos numa rede de relações estabelecidas a partir das interações homem-mundo e homem-homem.

A sociedade se reconstrói dia-a-dia, inclusive por meio das novas representações que constitui. Outro aspecto a ser destacado refere-se ao fato de que ao mesmo tempo em que se criam os sentidos, são também produzidos os (des) sentidos. Para o autor, os ritos perdem sua força, os símbolos se esvaziam de seu potencial identificador (TEVES, 1999).

Frente a isso, percebe-se um certo processo de banalização ou naturalização da violência, pelo qual alguns valores perdem o sentido e algumas ações violentas se tornam normais ou naturais.

Compreender a violência a partir das representações sociais constitui-se numa busca por um decodificar a vida cotidiana. Ao dialogar com os professores buscou-se (re)

pensar a violência na escola, (re) vendo, com isso, a sociedade que os constitui e por eles é constituída.

Cabe salientar que as Representações Sociais são aqui entendidas seguindo uma perspectiva moscoviciana, sobretudo através de Jodelet (2001)^f, que foi uma das principais divulgadoras dessa teoria no Brasil. Nesse sentido, a Representação Social é

uma forma de interpretar nossa realidade cotidiana, (...) atividade mental desenvolvida por indivíduos e grupos para fixar suas posições em relação a situações, acontecimentos e comunicações da vida cotidiana, enfim, a representação é um conhecimento prático que ajuda a construir nossa realidade. Ela não é simplesmente reprodução, mas construção e comporta, na comunicação, uma parte de autonomia e de criação individual ou coletiva. (JODELET apud TEVES, 1999:128)

E é a partir desse panorama que a referida pesquisa se desenvolve compreendendo a violência nessa ação de reapresentação e decodificação constituída de valores, vivências e crenças docentes.

Quando se trabalha com concepções de violência cabe salientar que esta pode ser considerada relativa, uma vez que determinada ação pode, ou não, ser vista como violenta, dependendo dos elementos que são analisados.

Um exemplo disso seria o grito de uma professora, enquanto alguns consideram como uma forma de violência contra os alunos, em contrapartida, outros consideram como uma ação normal no contexto escolar. O cuidado deve ser tomado no momento em que em nome da ordem e da disciplina, muitas práticas de violência simbólicas, e quem sabe até mesmo física, sejam legitimadas.

O discutir a violência a partir da voz docente somente se torna possível através do uso da metodologia da história oral, que conforme Meihy (1996)^g é um recurso moderno, uma vez que seu conceito nasceu, oficialmente, no ano de 1947, em Nova York, quando Allan Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo. Tal fato se deu no pós Segunda

Guerra Mundial quando os avanços tecnológicos foram aliados a necessidade de propor formas de captar as experiências importantes como as vividas por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos.

Como um recurso, a história oral é utilizada para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social. Para Meihy (1996), a história oral é sempre uma história do presente, por esse motivo é também conhecida como “história viva”. Vista como uma história dos contemporâneos, a história oral tem de responder a um sentido de uso prático e imediato, uma vez que possibilita respostas aos questionamentos, ao mesmo tempo em que suscitam outros.

Meihy (1996) estabelece três modalidades de história oral: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Neste trabalho, sobretudo a ênfase é dada na história oral temática, uma vez que o tema violência e não-violência se sobressai diante dos demais. Embora ao trabalhar com as concepções docentes, muito de suas histórias de vida estarão presentes nos seus relatos. A história oral temática como o próprio nome já diz, trata de um assunto específico pré-estabelecido, seria uma temática central.

Nesta perspectiva, a história oral tem como base o depoimento gravado, no caso as gravações das falas dos professores colaboradores. Seu uso está relacionado a participação social e, nesse sentido, está ligado ao direito de cidadania, considerando que todos são atores históricos. Concorde-se com Meihy (1996), quando este afirma que todo relato é uma narrativa histórica. E é nesse sentido que se trabalha a possibilidade de se construir “histórias” da educação através de um restabelecer da voz docente tendo como base às narrativas de professores.

^a ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

^b BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

^c SCHMIDT, Jöel. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Lisboa: Edições 70, 1985.

^d Retirado do Dicionário Michaelis

^e TEVES, Nilda & RANGEL, Mary (orgs). **Representação Social e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

^f JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

^g MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.